UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

CAROLINA PALANCH MATOS

O FOTOJORNALISMO ESPORTIVO FEMININO E O FEMINISMO:
Uma análise sobre a presença das mulheres nas Olimpíadas

BAURU
2025

CAROLINA PALANCH MATOS

O FOTOJORNALISMO ESPORTIVO FEMININO E O FEMINISMO:
Uma análise sobre a presença das mulheres nas Olimpíadas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Jornalismo da Unesp – Universidade Estadual Paulista -, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Orientador da monografia: Prof. Assoc. Denis Porto Reno

BAURU
2025

M433f

Matos, Carolina Palanch.
O FOTOJORNALISMO ESPORTIVO FEMININO E O FEMINISMO: Uma análise sobre a presença das mulheres nas Olimpíadas / Carolina Palanch Matos. – Bauru, 2025

57 f.: fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientador: Denis Porto Reno

1. feminismo. 2. Mulher. 3. Esporte. 4. fotojornalismo. 5 olimpíadas. I. Título.

CAROLINA PALANCH MATOS

O FOTOJORNALISMO FEMININO E O FEMINISMO:
Uma análise sobre a presença das mulheres nas Olimpíadas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Jornalismo da Unesp – Universidade Estadual Paulista –, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador da monografia: Prof. Assoc. Denis Porto Reno

Bauru, _____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Assoc. Denis Porto Reno
Orientador da Banca Examinadora
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

_____

Prof. Dr. José Carlos Marques
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

_____

Profa. Joyce Guadagnuci
Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Campinas (ESAMC)

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa só foi possível graças ao apoio e à colaboração de diversas pessoas, às quais expresso meu sincero agradecimento.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu orientador inicial, Osvando, pela orientação, paciência e apoio ao longo de todo o processo. Infelizmente não foi possível finalizar a pesquisa junto com ele, mas sou muito grata pelo apoio que ele deu nesse início da minha vida acadêmica. Agradeço também ao Denis, por ter me acolhido tão prontamente e me ajudado ao final da realização da pesquisa.

Agradeço também aos meus amigos de sala, por me apoiarem desde o começo com a ideia de uma iniciação científica, compartilharem conhecimentos, ideias e momentos de aprendizado. A colaboração e as discussões enriquecedoras foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal ao longo deste projeto.

Por fim, agradeço à minha família pelo apoio emocional, compreensão e incentivo desde pequena para seguir a vida acadêmica, e ao longo de todas as etapas deste trabalho.

A todos, meu muito obrigada!

"O esporte olímpico nasce como um campo de força masculina. E todas as modalidades em que as mulheres podem competir hoje passaram por um processo de muita luta. Nunca foi uma concessão."

(Kátia Rubio)

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar e discutir os efeitos dos movimentos feministas no âmbito esportivo. Mais precisamente tem como propósito estudar fotografias jornalísticas que são veiculadas junto às matérias, com a função de reforçar ideias transmitidas pelos sites, blogs e portais de notícias digitais das Olimpíadas de 2020 e 2024. Procura-se analisar a mudança da representação da mulher como atleta nas competições. O projeto se propõe a analisar e discutir as imagens de atletas mulheres quando exercem suas atividades profissionais, fazendo comparações entre as fotografias veiculadas e a ideia a ser transmitida. Estas comparações se dão pelo propósito de entender os efeitos das ações feministas na sociedade, e ainda como os veículos de comunicação atuais refletem os modos de agir e retratam as mulheres, respeitando-as como atletas (dentro desse cenário) e pessoas. Essa é uma discussão relevante para o entendimento do esporte, do fotojornalismo e do feminismo. Por isso, o propósito final deste projeto será o de mostrar não só a importância, mas também ilustrar os feitos dos movimentos feministas no âmbito esportivo durante os Jogos Olímpicos da França em 2024.

Palavras-chave: feminismo; mulher; esporte; fotojornalismo; olimpíadas.

ABSTRACT

The research aims to analyze and discuss the effects of feminist movements in the sporting field. More precisely, its purpose is to study journalistic photographs that are published alongside the articles, with the function of reinforcing ideas transmitted by websites, blogs and digital news portals over the last 2 years (until the second half of 2023).The aim is to analyze the change in the representation of women as athletes in competitions. To carry out this analysis, blogs, websites and news portals such as Globo Esporte, Lance!, UOL Esporte and ESPN Brasil will be used. The project aims to analyze and discuss images of female athletes when they carry out their professional activities, making comparisons with images from the beginning of the last two years and more current images. These comparisons are made for the purpose of understanding the effects of feminist actions on society, and also how current media outlets reflect the ways of acting and portray women, respecting them as athletes (within this scenario) and people. This is a relevant discussion for understanding sport, photojournalism and feminism. Therefore, the final purpose of this project will be to show not only the importance, but also illustrate the achievements of feminist movements at the Olympic Games in France in 2024.

Keywords: feminism; woman; sport; photojournalism; olympics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografias de dois jogadores de vôlei veiculadas na Revista Placar. 16
Figura 2: Simone Biles ao decidir não participar das finais em Tóquio 2020. 18
Figura 3: Partes censuradas do editorial do jornal O São Paulo. 20
Figura 4: Matéria veiculada pelo portal O Dia. 22
Figura 5: Imagens veiculadas no portal O Dia (Ingrid Oliveira). 23
Figura 6: Imagens veiculadas no portal O Dia (Shaunae Miller). 23
Figura 7: Fotografia do vôlei de praia feminino das Olimpíadas do Rio 2016. 27
Figura 8: Recorte de jornal da época da proibição feita por Getúlio Vargas. 30
Figura 9: Caster Semenya no Mundial de atletismo, Londres 2017. 32
Figura 10: Rebeca Andrade no pódio das Olimpíadas de 2021. 33
Figura 11: Emblema olímpico da edição de Paris 2024. 35
Figura 12: Imagem da revista Educação Physica com o texto "Pedagogia do Esporte", de Pierre de Coubertin. 38
Figura 13: Imagem de reprodução do instagram de Flávia Maria de Lima. 40
Figura 14: Imagem de reprodução do instagram de Imaene Khelif. 44
Figura 15: Post feito no perfil pessoa de Imaene Khelif 46
Figura 16: Post feito no perfil pessoa de Imaene Khelif 46
Figura 17: Equipe australiana com medalhas de ouro conquistadas no revezamento 4x100 nas Olimpíadas da França 2024. 47
Figura 18: Post feito no perfil pessoal de Scott Bryan. 48
Figura 19: Equipe MIRA, em encontro presencial. 50

SUMÁRIO

1. Introdução **10**
2. Materiais e métodos **13**
3. Fotografia como representação fiel da realidade 14
4. Jornalismo como autoridade 19
5. O feminismo 24
5.1 O desenvolvimento do feminismo no jornalismo 25
6. Feminismo e esporte 29
6.1 Feitos do feminismo no mundo esportivo 31
7. Paris 2024 34
7.1 Comitê Olímpico Internacional 34
7.2 Mulheres na luta greco-romana 39
7.3 Flávia Lima 39
7.4 Imaene Khelif 42
7.5 Equipe de natação australiana 47
7.6 Brasil nas Olimpíadas de 2024 e programa MIRA 49
8. Considerações finais 52
9. Referências 54

1. Introdução

Desde tempos antigos da história ocidental, uma concepção profundamente enraizada e historicamente tratada como inerente e abrangente governa a percepção social humana: a dicotomia entre os gêneros feminino e masculino, juntamente com a predominância social do homem sobre a mulher. Essa concepção exerce uma influência abrangente, moldando não apenas as estruturas socioeconômicas, mas também a formação da identidade individual dentro do contexto contemporâneo. Neste cenário, temos a mulher — muitas vezes — vista como objeto e inferior ao homem.

Sendo o jornalismo uma ciência como todas as outras, a dominação masculina na área — tanto no fazer quanto no consumir jornalismo — era irrefutável até o século XX, no qual Simone de Bouvier discute sobre o papel que a mulher assume na sociedade ser de extrema importância, levando em consideração a relação homem-mulher que qualifica o feminino dentro do funcionamento da sociedade, como em seu livro "O Segundo Sexo" (1949, p. 9):

> A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois pólos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos 'os homens' para designar os seres humanos. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.

Pensando no quesito fotográfico, o primeiro registro de uma mulher com uma câmera é de 1843, quando Anna Atkins publicou as fotografias que fez. Mesmo a primeira relação mulher-câmera fotográfica sendo datada do final do século XIX, a predominância masculina é algo que se vê até hoje em dia no universo fotográfico. Além disso, ainda se enxerga muita sexualização feminina nas fotografias atuais, como os registros esportivos — acompanhados de uniformes que contribuem para a interpretação machista das atletas. Obtêm-se essa visão a partir do ponto de que uma imagem não é apenas uma imagem. Para Edmond Couchot, ela representa valores, ideias e percepções.

Em seu livro "Da fotografia a realidade virtual", Couchot discute sobre o ponto de vista do autor e do observador, fazendo a relação de que ambos partilham do mesmo olhar para a imagem retratada. Nesse sentido, entende-se que, se tratando de uma fotografia onde a mulher é tida para se observar o corpo mais do que a sua profissão de atleta, a escolha do fotógrafo ao retratar o momento, do jornalista ao escolher a imagem para veicular e do espectador ao ler a matéria com a fotografia na capa, passamos por um mesmo olhar — já antes contestado por

Beauvoir também em seu livro “O Segundo Sexo”: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (Bouvier, 1949, p. 10).

O impacto do feminismo no mundo esportivo não se limita a uma única cultura ou país. Entender como ele influenciou a cobertura esportiva feminina em diferentes partes do mundo é fundamental para todas as mulheres ao redor do globo. Como por exemplo, o caso da denúncia de abusos sexuais feitas pelas ginastas estadunidenses contra o ex-médico da seleção, Larry Nassar, em 2017. Um ano depois, o programa de televisão da rede Globo, Fantástico, revelou um outro caso de abuso sexual, no qual o culpado seria Fernando de Carvalho Lopes, ex-treinador de suas vítimas. Já em 2021, Rogério Caboclo, então presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foi denunciado por três mulheres por assédio moral e sexual.

Porém, para muito além de feitos como os citados anteriormente, o feminismo possibilitou atletas de participarem de competições, representarem seus países e ainda serem reconhecidas por isso. Nas Olimpíadas de Tóquio, acontecidas em 2021, 5.635 mulheres competiram nas mais diversas modalidades esportivas, número expressivamente maior que na edição anterior, que contava com aproximadamente, 4.978 mulheres.

Com esse contexto, a pesquisa busca analisar e discutir os efeitos dos movimentos feministas no âmbito esportivo, a partir de fotografias veiculadas nos portais de notícias. Nesse sentido, no primeiro capítulo buscamos introduzir a fotografia como uma representação não da realidade como um todo, mas sim da representação de ideais e valores daquele que está por trás das lentes. No segundo capítulo, mantemos a mesma ideia, mas agora com o jornalismo, para ilustrar de que jornalistas não são isentos de opiniões e que matérias — mesmo que corriqueiras, como as esportivas — também estão carregadas de ideais de quem as escreve.

Já no terceiro capítulo abordamos o feminismo e como ele cresceu dentro da sociedade mundial, trazendo às mulheres o trabalho, o direito ao voto, e como esse movimento mudou o fazer jornalístico desde seu início. No quarto capítulo arrematamos todas as ideias anteriores, discutindo sobre o esporte feminino, o feminismo e o fotojornalismo. Nele, abordamos as dificuldades enfrentadas por brasileiras dentro do futebol nacional e os grandes feitos de mulheres no universo que o esporte proporciona, como atuais altos cargos em clubes, no governo e feitos de atletas representantes de seus países.

Nos capítulos cinco e seis, iremos trazer sobre os feitos e acontecimentos especificamente das Olimpíadas de 2024, ocorrida na França. Mudanças feitas pelas comissões, demissões de jornalistas por falas machistas e casos em que a vida pessoal afetou a profissional de atletas.

Com isso, discutimos como o feminismo no fotojornalismo esportivo é essencial, pois precisamos cada vez mais de abordagens de como as mulheres são representadas visualmente nos meios de comunicação e como isso impacta na visão do público para com as mulheres atletas.

Esse é um relatório final de um trabalho de conclusão de curso, o qual aborda temas relevantes e interessantes para mim como mulher e para a sociedade como um todo, uma vez que a igualdade de gênero dentro e fora de quadra/campo/piscina/pista deve ser natural para convivermos em harmonia.

2. Materiais e métodos

Nesta pesquisa buscou-se a reflexão teórica, procurando embasamento em autores influentes sobre os temas (esporte, fotografia, mídias jornalísticas digitais e feminismo), além de projetos de pesquisas com o mesmo enfoque. Tive com o objetivo específico o de mapear o comportamento das mídias dos veículos jornalísticos (uma vez que são considerados formadores de opinião) na propagação de imagens sexualizadas de atletas mulheres enquanto desempenham suas funções durante competições e treinos abertos no início do século XXI e compará-las com as atuais, analisando as transformações midiáticas causadas por pautas feministas no âmbito esportivo durante as Olimpíadas de 2020 e 2024.

Pensar as mídias jornalísticas como reforçadoras da opinião emitida pelo veículo (mesmo sem precisar uma palavra — escrita ou falada).

A pesquisa visou analisar as mudanças da abordagem midiática levando em conta o contexto histórico atual a partir das mudanças na sociedade, com enfoque nos movimentos feministas e a representação de mulheres em cargos importantes na área esportiva.

3. Fotografia como representação fiel da realidade

A fotografia, ao longo de sua história, tem sido frequentemente celebrada como um meio de capturar a realidade de forma objetiva. A partir do momento em que o processo fotográfico foi inventado, no século XIX por Joseph Nicéphore, passou-se a acreditar que, ao contrário da pintura ou de outras formas de arte visual, a fotografia oferecia uma representação direta e verdadeira do mundo. Essa crença está enraizada na natureza mecânica da câmera, que em teoria, não se sujeita às subjetividades do fotógrafo.

Como a maior parte dos avanços tecnológicos, na época de sua criação, a fotografia foi "mal vista" e até rejeitada por muitos críticos e pensadores, que não a entendiam complexa o suficiente para se equiparar com a pintura, pois não era visto com um valor estético e criativo à altura da terceira arte clássica. Como Charles Baudelaire (1821 — 1867), pensador francês do século XIX, demonstrou sua indignação através de quatro cartas publicadas pela revista do Salão da Academia de Belas Artes. Nelas, o poeta retrata sua insatisfação com a sétima arte e como que ela é a responsável pelo decaimento no gosto dos franceses. Em seu texto "O Artista Moderno", Baudelaire (1959) afirma:

> Meu caro Morel, quando o senhor me honrou pedindo-me a análise do Salão, disse-me: 'Seja breve, não faça um catálogo, mas um arrazoado geral, algo como o relato de um rápido passeio filosófico através das pinturas'. (...) O embaraço teria sido grande se eu me tivesse perdido numa floresta de originalidades, se o temperamento moderno francês, repentinamente modificado, purificado e rejuvenescido, houvesse dado flores tão vigorosas e de um perfume tão variado a ponto de criar uma comoção irrepreensível, se houvesse motivado elogios abundantes, uma admiração eloqüente, e a necessidade de categorias novas dentro do idioma crítico. Mas de modo algum, felizmente (para mim). Nenhuma explosão, nada de gênios desconhecidos. Os pensamentos sugeridos pela aparência desse Salão são de uma ordem tão simples, tão antiga, tão clássica, que poucas páginas serão sem dúvida suficientes para desenvolvê-los.

Entretanto, essa concepção inicial da fotografia como uma janela pura para a realidade tem sido questionada por diversos teóricos ao longo do tempo, especialmente no contexto do fotojornalismo. A fotografia pode, de fato, capturar a realidade de maneira objetiva, mas essa objetividade é limitada pelas escolhas feitas pelo fotógrafo, como o enquadramento, a iluminação, e o momento exato do clique.

Em seu estudo intitulado “Fotografia: realidades e ficções”, Magda Guimarães Khouri parte de Freud e a metáfora com a sétima arte que ele utilizava para comparar o inconsciente humano. Dessa forma, Khouri (2015, p.1) explica a subjetividade que uma fotografia pode ter:

> Longe de ser a representação fiel da realidade visível, a fotografia apresenta esse caráter ilusório no sentido de depender da intervenção do fotógrafo, de todo processo tecnológico envolvido e das interpretações de quem a vê. Uma vez capturada pelo aparelho fotográfico, a realidade já é uma ‘outra realidade’.

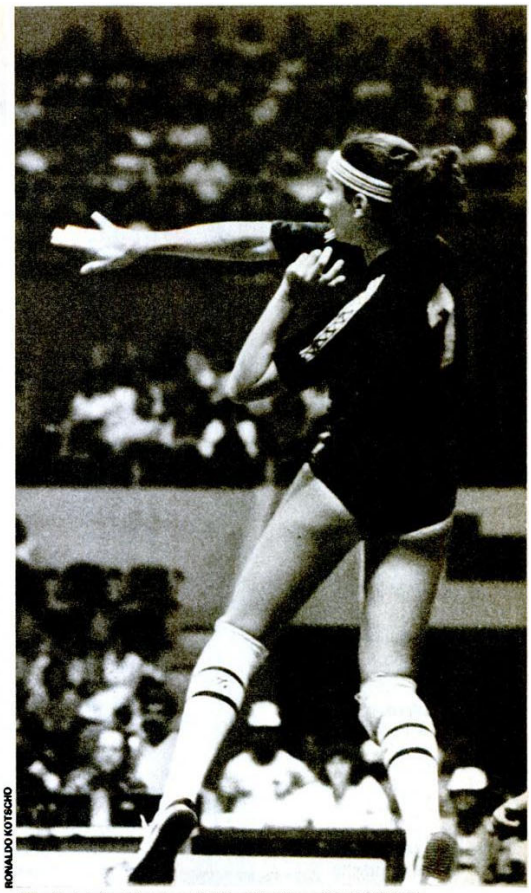
Nesse mesmo caminho, Edmond Couchot escreve em seu livro “A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual” sobre a relação obra-autor e a intencionalidade de se fotografar da forma com que se fotografa, focando em pontos estratégicos, pensando em quem irá consumir essa fotografia. Nesse ponto, já possuímos mais um elemento: o receptor da imagem. Agora não apenas a vontade de ilustrar de uma certa forma deve ser pensada, mas também no público que irá consumir a fotografia. Sobre isso, Couchot (2012, p. 31) afirma:

> O ponto de vista funciona como um fator de intersubjetividade graças ao qual o observador e o pintor [fotógrafo] se reúnem, partilham o mesmo olhar, a mesma relação entre o real e a imagem, o mesmo tempo espaço, homogêneo, contínuo e infinito.

Além disso, a fotografia, ao ser inserida em um contexto midiático, como o fotojornalismo esportivo, passa a ser interpretada e recontextualizada pelo público, o que pode distorcer a sua suposta objetividade. Para Roland Barthes, em "A Câmara Clara", a fotografia é uma construção cultural e, como tal, está sempre carregada de significados além da mera representação visual. Barthes introduz o conceito de "punctum", que é aquele detalhe na fotografia que desperta emoções e sentimentos no espectador, demonstrando que a imagem fotográfica é, ao mesmo tempo, uma captura da realidade e uma porta para interpretações subjetivas.

William Carvalho da Silva: um desafio de emoções

ABRIL



RONALDO KOTSCHO

Maria Isabel Barroso Salgado: hora de definição

mento é muito mais forte.'' A animação desaparece quando se pergunta a respeito da possibilidade de medalhas em Los Angeles. Aí, a normalmente expansiva Isabel fica reticente: ''Nosso trabalho ainda está em evolução''.

Dividindo seu tempo com o vôlei, marido e duas filhas de dois casamentos, Isabel se define como uma mulher caseira: ''Não costumo ir em badalações''. Esquiva-se de falar de sua intimidade: ''Sou uma mulher como qualquer outra''. E, discreta, prefere não antecipar seus próximos contratos de publicidade — no ano passado, seu charme foi usado num anúncio de televisão para que os brasileiros passassem a consumir mais laranja.

O mesmo procedimento não é seguido por Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira. ''Vou fazer um monte de comerciais'', informa. ''Dois deles, um de aparelhos de som e outro de relógios, também vão ser veiculados nos Estados Unidos.'' E quanto irá ganhar? Ah, isso o Doutor não conta: ''Meus assessores é que cuidam destes detalhes, eu tenho muito constrangimento em discutir dinheiro''. Embora em proporções menores, William e Hortência têm lá os seus ne-

PLACAR 7

Figura 1: Fotografias de dois jogadores de vôlei veiculadas na Revista Placar, porém apenas uma delas mostra partes do corpo da atleta, a de Maria Isabel Barroso, em 1984.
Imagem: Fan Pictures acervo digital

Como podemos ver na figura 1, que foi veiculada pela Revista Placar em 1984, a jogadora de vôlei Maria Isabel Barroso, que foi destaque do ano anterior, juntamente com Hortência (basquete), Sócrates (futebol) e William (vôlei), na edição de número 711 da revista, tem a imagem de partes do seu corpo veiculadas em uma revista de esporte da época. A imagem fica ao lado de outra, também veiculada pela revista e também sobre um atleta de voleibol,

porém, desta vez, um homem — William. A fotografia dele não tem nenhuma parte do corpo à mostra, diferentemente da fotografia de Maria Isabel. Impensável acreditar que essa seja a única fotografia tirada da atleta durante o jogo, sendo indispensável a publicação da mesma.

Atacante exemplar, Isabel do vôlei — como era conhecida — foi a primeira brasileira a atuar na Europa, quando foi contratada pelo Modena, time da Itália, em 1980. Ao se aposentar como atleta, Isabel tornou-se treinadora e, pouco antes de falecer — em 16 de novembro de 2022 — a ex-jogadora ingressou na equipe de transição do governo Lula (PT), na área do esporte.

Na era digital, a onipresença das imagens fotográficas, especialmente no contexto esportivo, reforça a importância de se questionar a objetividade da fotografia. As Olimpíadas de 2020, por exemplo, não só proporcionaram uma vasta gama de imagens de atletas em ação, mas também momentos que transcendem o esporte em si, como o caso da ginasta Simone Biles, cuja decisão de priorizar sua saúde mental gerou uma narrativa poderosa que foi amplamente difundida por meio da fotografia. A imagem de Biles (figura 2), visivelmente abalada, mas resoluta em sua decisão, tornou-se um ícone de uma nova era de conscientização sobre saúde mental no esporte, demonstrando como a fotografia pode ser utilizada para contar histórias que vão além do registro visual.

Assim, embora a fotografia possa parecer uma representação direta da realidade, ela é, na verdade, um meio carregado de subjetividades e interpretações. No contexto do fotojornalismo esportivo, essas imagens não apenas documentam eventos esportivos, mas também moldam narrativas e influenciam a percepção pública sobre atletas e o próprio esporte. Compreender as nuances e as limitações da fotografia é crucial para uma análise crítica da representação das mulheres no esporte e do impacto dessas representações na construção de estereótipos e na promoção da igualdade de gênero.

Figura 2: Simone Biles ao decidir não participar das finais em Tóquio 2020
Fotografia: Mike Blake/Reuters

Em entrevista após comunicar que não participaria mais dos jogos, Simone Biles (2021) disse:

> Eu senti que seria melhor que eu me afastasse... Eu não queria arriscar uma medalha do time, porque elas trabalharam duro demais para eu estragar tudo. Preciso me concentrar no meu bem-estar, há vida além da ginástica. Infelizmente aconteceu nesse palco. Esses Jogos Olímpicos têm sido muito estressantes... Uma longa semana, um longo ciclo olímpico e um longo ano. Eu acho que estamos todos muito estressados. Nós deveríamos estar nos divertindo e esse não é o caso.

Dessa forma, vemos uma fotografia que marcou muito mais do que apenas uma esportista desistindo de uma competição. Vemos uma mulher — a melhor do mundo em seu esporte, atualmente — que escolheu colocar sua saúde mental em primeiro lugar e, com isso, fomentou a discussão sobre o assunto no mundo inteiro.

4. Jornalismo como Autoridade

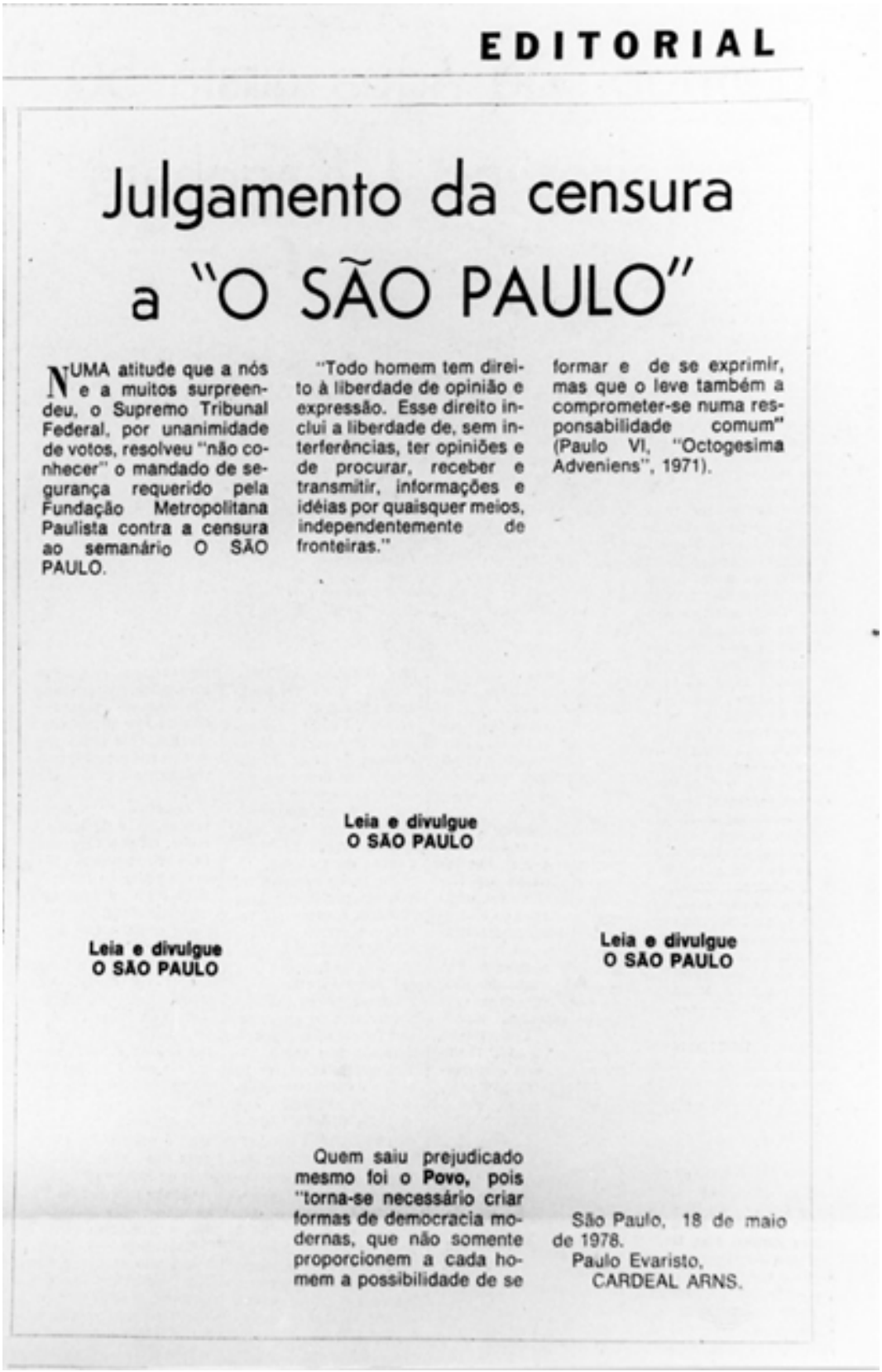
O jornalismo tem historicamente ocupado uma posição de autoridade na sociedade, atuando como o principal meio de disseminação de informações e formação de opinião pública. Ao fornecer notícias e análises sobre uma ampla gama de tópicos, incluindo política, economia, e esportes, o jornalismo molda as narrativas que informam e influenciam a percepção pública.

Em um texto publicado no portal Observatório da Imprensa, o jornalista Dioclécio Luz (2014) diz que:

> A autoridade no jornalismo é uma escolha ideológica. Ela aparece com a missão de legitimar o discurso do veículo. Claro que, por sua vez, essa autoridade é referendada pelo leitor. Há um contrato estabelecido entre o veículo e o seu consumidor. Os jornais são conservadores no sentido de garantir o padrão que atenda ao seu leitor – seja ele conservador ou revolucionário.

Essa autoridade é construída sobre a premissa de que os jornalistas, em sua função, atuam como intermediários imparciais e objetivos, comprometidos com a verdade e a verificação dos fatos. Porém, ao analisarmos a história do jornalismo, vemos que a parcialidade sempre esteve presente. Como por exemplo, durante o período da ditadura militar (1964 — 1985), a imprensa foi, descaradamente, censurada.

Assinada em 1967, a Lei nº 5.250 regulava e censurava os veículos da época. Dessa forma, apenas matérias positivas sobre o governo, eram publicadas, fazendo com que, muitas vezes, os jornais fossem publicados com cortes, em branco ou então com receitas nos lugares de matérias que foram censuradas (figura 3).



EDITORIAL

Julgamento da censura a "O SÃO PAULO"

NUMA atitude que a nós e a muitos surpreendeu, o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade de votos, resolveu "não conhecer" o mandado de segurança requerido pela Fundação Metropolitana Paulista contra a censura ao semanário O SÃO PAULO.

"Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Esse direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir, informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras."

formar e de se exprimir, mas que o leve também a comprometer-se numa responsabilidade comum" (Paulo VI, "Octogesima Adveniens", 1971).

Leia e divulgue O SÃO PAULO

Leia e divulgue O SÃO PAULO

Leia e divulgue O SÃO PAULO

Quem saiu prejudicado mesmo foi o **Povo,** pois "torna-se necessário criar formas de democracia modernas, que não somente proporcionem a cada homem a possibilidade de se

São Paulo, 18 de maio de 1978.
Paulo Evaristo,
CARDEAL ARNS.

Figura 3: Partes censuradas do editorial foram deixadas em branco.
O São Paulo, maio de 1974.
Imagem: Memorial da Democracia, acervo digital

Assim, podemos concluir que o Jornalismo é e sempre foi partidário. Ele representa a realidade desejada por aquele que o escreve e para quem o escolhe ler. No fotojornalismo não é diferente. Assim como citado anteriormente, a fotografia diz sobre os ideais de quem a tira, mas também sobre os valores e ideais de quem a escolhe para ser capa de uma matéria.

No contexto do fotojornalismo esportivo, essa autoridade se manifesta na forma como os eventos esportivos são cobertos e como os atletas são retratados, particularmente no que diz respeito à representação das mulheres no esporte.

No entanto, com o advento da internet e das redes sociais, essa autoridade tradicional tem sido cada vez mais desafiada. As redes sociais, em particular, democratizaram o acesso à informação, permitindo que qualquer indivíduo com uma conexão à internet possa compartilhar notícias e opiniões com um público global. Isso criou um ambiente em que a autoridade dos jornalistas é frequentemente questionada, e onde a veracidade das informações muitas vezes é difícil de verificar.

Além disso, as redes sociais proporcionaram uma plataforma para que os próprios atletas, incluindo as mulheres, possam contar suas histórias diretamente, sem a necessidade de intermediários. Essa mudança tem implicações significativas para o fotojornalismo esportivo, pois desloca parte do poder de moldar narrativas dos jornalistas para os próprios atletas.

Apesar dessas mudanças, o jornalismo tradicional ainda desempenha um papel crucial na construção da narrativa esportiva, especialmente quando se trata da cobertura de esportes femininos. A forma como as mulheres atletas são representadas na mídia é frequentemente influenciada pelos preconceitos e estereótipos que permeiam a sociedade em geral.

As mulheres atletas são frequentemente retratadas de maneiras que enfatizam sua aparência física ou feminilidade, em detrimento de suas habilidades esportivas. Essa representação desigual contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero e subestima as conquistas das mulheres no esporte. Como, por exemplo, na matéria do portal “O Dia”, veiculada no dia 20 de julho de 2021, durante as Olimpíadas de Tóquio (figura 4).

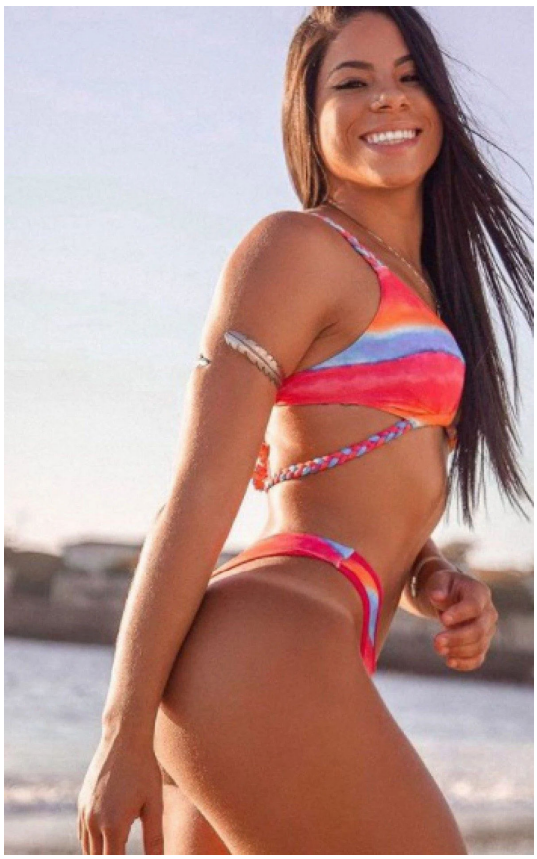
Figura 4: Matéria veiculada pelo portal O Dia (20/07/2021)

Além de invalidar as habilidades esportivas das atletas, o portal ainda retrata as "musas que vão desfilar" com fotografias extremamente sexualizadas e desconexas com os esportes que cada uma representou nos jogos.

Ingrid Oliveira, atleta brasileira de salto ornamental, participou das últimas três Olimpíadas (incluindo Paris 2024), foi medalhista de ouro nos jogos Sul-Americanos em 2018, na categoria individual, bronze na categoria sincronizada, nos jogos do mesmo ano, e medalhista nos jogos Pan-Americanos de 2015 e 2023.

Shaunae Miller é velocista de Bahamas, bicampeã olímpica e campeã mundial nos 400 metros rasos. A corredora possui 4 medalhas de ouro, 2 de prata e 2 de bronze em seu currículo. Pouco antes das Olimpíadas de Paris, a bahamense sofreu lesões e ficou de fora dos jogos, onde iria tentar o tricampeonato individual.

Mesmo que com feitos incríveis e desejáveis por todos os atletas, ambas foram retratadas e citadas apenas por serem bonitas esteticamente, além de terem fotografias veiculadas que não fazem menção alguma a seus respectivos esportes, suas profissões — premissa para que elas tenham sido incluídas na lista realizada pelo portal (figuras 5 e 6).



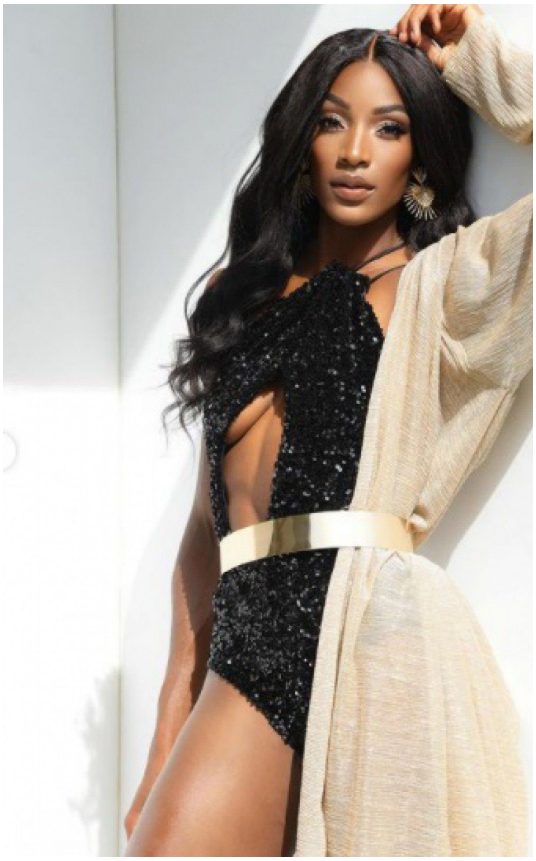


Figura 5 e 6: Imagens veiculadas no portal O Dia, em 20/07/2021, das atletas Ingrid Oliveira e Shaunae Miller, respectivamente.

O jornalismo, apesar de seus desafios contemporâneos, continua a exercer uma autoridade significativa na sociedade, especialmente no que diz respeito à cobertura dos esportes. No entanto, essa autoridade vem com uma responsabilidade: a de representar os atletas, principalmente as mulheres, de maneira justa.

À medida que as redes sociais continuam a transformar o panorama da mídia, é essencial que os jornalistas e fotojornalistas esportivos se adaptem a essas mudanças, utilizando os veículos para promover uma representação mais igualitária e inclusiva das atletas, contribuindo assim para a desconstrução dos estereótipos de gênero no esporte.

5. O Feminismo

A divisão entre o gênero feminino e masculino se faz presente na história ocidental desde que temos os primeiros registros da sociedade. Porém, não apenas essa relação se estabelece, como também a predominância masculina sobre as mulheres, moldando todo e qualquer tipo de estrutura social que conhecemos, seja ela de convivência, econômica, identitária, ideológica, política e todas as outras existentes.

Na busca por maiores reconhecimentos, direitos e liberdade, os movimentos feministas vêm crescendo e tomando espaço desde a revolução francesa, que tinha como inspiração o Iluminismo. Uma das principais autoras sobre o tema é Simone de Beauvoir, escritora francesa que é considerada uma das "mães" do movimento.

Proibido pelo Vaticano na época de lançamento, Segundo Sexo (1949) é o seu livro mais reconhecido e base da segunda onda feminista, que teve início na década de 1960, nos Estados Unidos e na Europa.

No Brasil, no século XX, a mulher era tida como incapaz e dependente de seu marido, segundo o Código Civil de 1916. Sem a autorização de seu esposo, as mulheres não poderiam trabalhar, aceitar mandatos, heranças e nem contrair quaisquer tipos de obrigações.

Revogadas a pedido de duas advogadas — Romy Martins Medeiros da Fonseca e Orminda Ribeiro Bastos — essas leis demoraram 10 anos para serem anuladas. Apenas no Código Civil de 1962 é que as mulheres passaram a ter liberdade para trabalhar sem a necessidade de autorização de seus maridos.

O feminismo, como movimento social e político, tem desempenhado um papel crucial na luta pela igualdade de gênero em diversas esferas da sociedade, incluindo o esporte. Porém, apesar de todas as lutas e conquistas que temos atualmente, ainda há muito o que se fazer para a equiparação dos gêneros, seja no Brasil ou mundo a fora.

A representação feminina nos cenários é essencial para que essa mudança aconteça. Na cena esportiva, temos pequenas, mas significativas figuras femininas hoje em dia, como Leila Pereira, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras, Ana Moser, que foi ministra do esporte durante o terceiro governo Lula, além de atletas, jornalistas, comentaristas, narradoras, fotógrafas e muitos outros cargos importantes para a cena esportiva brasileira são ocupados por mulheres.

5.1 O desenvolvimento do feminismo no jornalismo

Antes de entrarmos na discussão sobre o efeito do feminismo no jornalismo, é necessário entendermos a diferença entre jornalismo feminino e jornalismo feminista.

O primeiro, representa uma das segmentações do jornalismo — assim como esporte, cultura, economia, etc — abordando assuntos como moda, beleza feminina, vida profissional, filhos e dicas de casa. Essa representação acontece desde meados dos anos 1950. Segundo a jornalista, Dulcília Buitoni, em "Imprensa Feminina" (1986), esse fazer jornalístico está ligado ao contexto histórico e social que as mulheres viviam na época.

Em seu artigo intitulado "Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos", Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira (2015, p. 3) afirma que no século XVII, na Europa, o jornalismo feito para mulheres era um tipo de jornalismo mais "leve":

> O conteúdo das publicações que nasciam era basicamente literário. A tônica da imprensa feminina, desde o seu aparecimento, no fim do século XVII e início do XVIII, é ser um jornalismo 'menos preocupado' com a factualidade e mais atento à vida e ao cotidiano de seu público-alvo, as mulheres.

Segundo a autora, o jornalismo feminista seria "uma extensão, uma das esferas por onde se propagou o feminismo". Nesse sentido, para muito além da política, o jornalismo feminista adentrou em diversas áreas das quais as mulheres faziam — e fazem — parte na sociedade, nas quais elas começaram a buscar e reavaliar as relações existentes e, dessa forma, pudessem se sentir mais valorizadas onde desejassem estar.

Ainda em seu artigo, Bandeira afirma que no Brasil, o jornalismo feminista recuperou a história das mulheres e para as mulheres, trazendo a tona as reivindicações de participação feminina na vida política e ainda afirma que o jornalismo feminista foi um elemento essencial para o voto feminino. Sobre isso, Bandeira (2015, p. 5) afirma:

> No Brasil, o jornalismo feminista possibilitou a recuperação da história, das causas e lutas travadas por essas mulheres, sobretudo no período que vai dos anos 1850 até a conquista do voto feminino, em 1934. A propósito, o movimento sufragista, ainda que tenha sido independente do movimento feminista dentro de um contexto global, fez parte do feminismo por ter sido caracteristicamente uma ação de denúncia da exclusão e reivindicação da participação da mulher nas decisões políticas. Através da imprensa feminista, a campanha pelo voto feminino se disseminou e angariou apoio político.

Percebe-se que, mesmo que muitas vezes com finalidades diferentes, o jornalismo feito para mulheres e por mulheres cresceu e se estabeleceu na imprensa

brasileira, trazendo junto mudanças significativas para a melhora da vida feminina, como a implementação do voto feminino.

O movimento feminista tem influenciado de maneira significativa a maneira como as mulheres são representadas no fotojornalismo esportivo. Durante a segunda onda do feminismo, nas décadas de 1960 e 1970, houve um foco particular em desafiar as representações midiáticas que reforçavam estereótipos de gênero. As reivindicadoras do feminismo criticaram a maneira como as mulheres eram frequentemente retratadas como meros objetos de beleza, em vez de serem reconhecidas por suas habilidades e realizações — cenas que se repetem até hoje, como ilustrado no tópico anterior.

O impacto do feminismo no esporte não se restringe a uma única cultura ou região; é um fenômeno global, com implicações variadas dependendo do contexto cultural. Em locais como os Estados Unidos e o Reino Unido, onde o movimento feminista tem uma longa história, houve progressos significativos na representação das mulheres no esporte. No entanto, em outras partes do mundo, como o Oriente Médio, o movimento feminista é mais recente e enfrenta desafios particulares devido às normas culturais e religiosas. Por exemplo, as jogadoras de vôlei de praia egípcias que chocaram o mundo nas Olimpíadas de 2016 ao jogarem de roupas compridas e véu em vista da religião das atletas, a qual as proíbe de mostrar partes do corpo (figura 7).

Figura 7: Jogo Egito x Alemanha nas Olimpíadas do Rio 2016.

Fotografia: Reuters/Lucy Nicholson

O feminismo, em suas diversas formas, tem desempenhado um papel essencial na luta por uma representação mais justa e igualitária das mulheres no esporte. A aplicação de uma

perspectiva feminista ao estudo do fotojornalismo esportivo permite uma análise crítica das dinâmicas de poder que moldam as representações midiáticas das mulheres atletas.

Ao analisar mais profundamente, é possível desenvolver uma compreensão mais abrangente dos desafios que as mulheres enfrentam no esporte e na mídia, e das maneiras como essas barreiras podem ser superadas. Além disso, a promoção de uma representação mais equitativa das mulheres no esporte é uma parte fundamental da luta pela igualdade de gênero em todas as áreas da sociedade.

6. Feminismo e o Esporte

A relação entre o feminismo e o esporte é complexa e multifacetada, refletindo as lutas contínuas das mulheres por igualdade e reconhecimento em uma área tradicionalmente dominada por homens. Historicamente, o esporte foi uma arena da qual as mulheres foram amplamente excluídas ou relegadas a papéis secundários.

A introdução das mulheres no esporte, e sua subsequente luta por igualdade, tem sido marcada por desafios que refletem as normas de gênero predominantes em diferentes períodos. No início do século XX, a participação delas nos esportes era limitada e frequentemente desencorajada sob a justificativa de que atividades físicas intensas eram "impróprias" para o sexo feminino.

Em seu livro “Mulheres em Campo”, Érika Araújo (2023, p. 160) afirma que, por vivermos em uma sociedade patriarcal, e pelos cargos de liderança terem sido por muito tempo ocupados por homens, a questão biológica é um grande fator para a desigualdade de gêneros dentro do esporte até hoje em dia:

> O determinismo biológico impôs barreiras à participação de mulheres em espaços sociais [...], o arbítrio cultural contribui para identificar e entender as condições de desigualdade, preconceitos e desequilíbrios com relação à vivência feminina no esporte.

Outro fator que influencia na baixa aderência do público às mulheres no esporte, é a proibição feita pelo governo no ano de 1941, quando o presidente em vigor, Getúlio Vargas, assinou um decreto-lei que tirou o direito das mulheres de jogarem futebol — esporte mais popular e de maior adesão do público no Brasil (figura 8).

Durante a proibição, era comum as partidas de futebol feminino serem interrompidas pela polícia e os jogos serem cancelados pelo Conselho Nacional de Desporto (CND). Apenas após o final da ditadura militar é que as mulheres puderam voltar a entrar em campo, em 1983, totalizando 42 anos de proibição feminina no futebol.

"PE' DE MULHER NÃO FOI FEITO P'RA SE METTER EM SHOOTEIRAS!"

AS PARTIDAS FEMININAS NÃO FIGURAM NOS DISPOSITIVOS LEGAES -- OPPORTUNAS DECLARAÇÕES DE IGUESIL MARINHO, ASSISTENTE TECHNICO DO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

Figura 8: Recorte de jornal da época da proibição feita por Getúlio Vargas
Imagem: Museu do Futebol, acervo digital

Com o avanço do movimento feminista, especialmente a partir da segunda onda, nas décadas de 1960 e 1970, as mulheres começaram a desafiar essas restrições e a lutar por seu direito de competir em pé de igualdade com os homens.

O feminismo trouxe à tona questões sobre a falta de oportunidades para as mulheres no esporte, a desigualdade salarial entre atletas homens e mulheres, e a disparidade na cobertura midiática dos esportes femininos.

Apesar de termos tido avanços, as mulheres continuam a enfrentar desafios significativos no mundo do esporte, muitos dos quais estão relacionados à maneira como são representadas na mídia. O fotojornalismo esportivo, em particular, desempenha um papel crucial na construção das narrativas sobre as mulheres atletas, uma vez que as mulheres são frequentemente sub-representadas na cobertura esportiva, e quando são retratadas, muitas vezes são apresentadas de maneira que reforça estereótipos de gênero.

Essa representação desigual perpetua a ideia de que o esporte feminino é de menor importância ou interesse do que o masculino, o que pode impactar negativamente a percepção pública e o apoio ao esporte praticado por mulheres.

6.1 Feitos do feminismo no mundo esportivo

O impacto do feminismo no esporte também pode ser observado em eventos e momentos que marcaram a história esportiva recente. Um exemplo notável é a luta pela igualdade salarial liderada pela seleção feminina de futebol dos Estados Unidos, que culminou em um acordo histórico em 2022, garantindo salários iguais para as seleções masculinas e femininas.

Esse movimento foi amplamente apoiado pelo movimento feminista e teve repercussões globais, inspirando atletas de outras modalidades a lutar por seus direitos. Além disso, a crescente visibilidade de mulheres em posições de liderança no esporte, como as mencionadas anteriormente, reflete os avanços impulsionados pelo feminismo em promover a igualdade de gênero em todos os níveis do esporte.

O feminismo continuará a desempenhar um papel fundamental na evolução do esporte, à medida que novas gerações de mulheres atletas desafiam as normas existentes. A crescente popularidade dos esportes femininos, aliada a uma maior conscientização sobre as questões de gênero, sugere que o futuro do esporte será cada vez mais inclusivo e equitativo.

No entanto, para que isso aconteça, é essencial que o movimento feminista continue a advogar por mudanças que eliminem as barreiras que ainda impedem as mulheres de alcançar seu pleno potencial no esporte, trazendo destaque para a igualdade salarial e a representação midiática justa.

A interação entre feminismo e esporte não apenas desafia as normas de gênero existentes, mas também cria novas possibilidades para as mulheres, tanto dentro quanto fora das competições esportivas. À medida que o movimento feminista evolui, ele continuará a influenciar a forma como as mulheres são vistas e tratadas no esporte, promovendo uma cultura de igualdade, respeito e empoderamento.

O fotojornalismo esportivo tem um papel vital a desempenhar nesse processo, ao oferecer uma plataforma para a celebração das realizações das mulheres atletas e para a desconstrução dos estereótipos de gênero que ainda persistem. Como, por exemplo, o caso da corredora Caster Semenya, que demonstra a importância de uma abordagem feminista dentro do fotojornalismo esportivo, pois ele vai muito além de uma mera documentação da performance da atleta (figura 9).

Figura 9: Caster Semenya no Mundial de atletismo, Londres 2017
Fotografia: Reuters

As fotografias de Semenya frequentemente carregam um peso político e social, dadas as controvérsias em torno de sua identidade de gênero e os desafios que ela enfrentou devido às políticas discriminatórias no atletismo. Essas imagens não só destacam sua força e resiliência como atleta, mas também convidam à reflexão sobre as questões de gênero e identidade no esporte.

Historicamente, o fotojornalismo esportivo tem sub-representado as mulheres, ou então as retratado de maneiras que reforçam estereótipos de gênero. Por exemplo, as mulheres atletas são frequentemente fotografadas em poses que enfatizam sua feminilidade e/ou sensualidade, ao invés de suas habilidades atléticas. Esse tipo de representação reflete uma visão sexista que posiciona as mulheres como objetos de desejo, em vez de competidoras sérias.

Além disso, a cobertura midiática dos esportes femininos em geral é muito menor do que a dos esportes masculinos, o que contribui para a perpetuação da ideia de que o esporte feminino é de menor valor ou interesse. Essa disparidade na representação não só desvaloriza as conquistas das mulheres atletas, mas também limita as oportunidades de visibilidade e patrocínio para as mulheres no esporte.

Esse é apenas um dos motivos pelos quais a representação feminista no fotojornalismo é essencial. Outro deles é que, além de representações enviesadas, o fotojornalismo esportivo também está para eternizar o momento. Como os feitos inéditos e marcantes registrados pelas câmeras fotográficas durante as Olimpíadas de Tóquio, em 2020, que ficarão para sempre na história do fotojornalismo e de cada uma das modalidades esportivas.

Como por exemplo, Raissa Leal, que se tornou a medalhista mais jovem, com apenas 13 anos; Simone Biles, que priorizou sua saúde mental ao desistir de quatro das cinco finais para as quais se classificou, e ainda levando um bronze na prova de trave; e Rebeca Andrade, que levou um ouro e uma prata, tornando-se a primeira mulher brasileira a conquistar medalhas na ginástica artística (figura 10).

Figura 10: Rebeca Andrade nas Olimpíadas de 2021, em Tóquio.
Fotografia: Ricardo Bufolin/Panamerica Press/ CBG

7. Paris 2024

Neste capítulo, iremos trazer alguns exemplos de medidas realizadas pelos órgãos organizadores dos jogos olímpicos, assim como os feitos por emissoras e confederações dos países participantes da última edição dos Jogos Olímpicos. Porém, mesmo enaltecendo as mudanças ocorridas a partir do efeito do feminismo nas Olimpíadas de Paris, ainda traremos exemplos de que não avançamos tudo o que podemos para que a igualdade seja garantida no cenário esportivo mundial.

7.1 Comitê Olímpico Internacional

Paris 2024 certamente foi um ciclo olímpico diferente dos demais. No começo do ano de 2024, o COI (Comitê Olímpico Internacional) divulgou que as Olimpíadas de Paris teriam números iguais de participantes dos dois gêneros, homens e mulheres — fato inédito desde a primeira edição das Olimpíadas da Era Moderna, em 1896. Porém, isso não aconteceu. Realmente os números foram muito próximos, 49,14% dos participantes desta edição foram mulheres, mas a igualdade em números não foi atingida como era a promessa, e o número de homens era de 195 a mais do que o de mulheres.

Muito além de igualdade de números, o COI procurou trazer mais representatividade feminina para a última edição das Olimpíadas. O emblema é um rosto feminino (figura 11), jogos da modalidade de mulheres foram realocados para o horário nobre na televisão e a nomeação de um campo de futebol homenageando uma jornalista esportiva falecida em 2018, Marianne Mako, foram alguns dos feitos da organização para a última edição. Em entrevista, o presidente do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Paris 2024, Tony Estanguet, agradeceu o feito que torna o esporte um local mais igualitário para todos: “Como a igualdade também envolve visibilidade, renomear essas instalações esportivas com nomes de mulheres é um desafio fundamental” (Estanguet, 2024).

Figura 11: Emblema olímpico da edição de Paris 2024.
Imagem: Divulgação/COI

Além do COI, o Serviço Olímpico de Transmissão também implementou medidas para que a sexualização das mulheres fosse evitada. Para isso, eles ofereceram treinamentos aos operadores de câmera que participaram da edição de 2024. Essa medida foi tomada, pois, em sua maioria, quem realiza a captura das imagens durante os jogos, são homens.

Segundo o presidente do Serviço Olímpico de Transmissão, Yiannis Exarchos, há um "viés inconsciente" por parte dos trabalhadores enquanto estão realizando a transmissão das imagens dos jogos femininos. Em entrevista ao jornal francês Le Monde, em 28/07/2024, Exarchos (2024) afirmou que a estrutura machista que permeia as relações da nossa sociedade pode ser percebida pelas imagens capturadas durante os jogos:

> Infelizmente, em alguns eventos, [as mulheres] ainda estão sendo filmadas de uma maneira que você pode identificar que estereótipos e sexismo permanecem, até mesmo pela maneira como alguns operadores de câmera enquadram os atletas homens e mulheres de forma diferente.

Ainda na mesma entrevista, ele afirma que "As atletas mulheres não estão lá porque são mais atraentes ou sexy ou qualquer coisa do tipo. Elas estão lá porque são atletas de elite". Com a fala do presidente, podemos refletir novamente sobre um ponto levantado no começo da pesquisa e baseado nos pensamentos de Simone deu Beauvoir em seu livro "Segundo sexo", de que a mulher não é um ser autônomo aos olhos da sociedade e também com a afirmação de

Couchot no livro “Da fotografia a realidade virtual”, no qual o autor discorre sobre a relação entre as crenças e ideais de que captura uma imagem ao escolher retratá-la de tal maneira.

Com a análise sobre ambos os textos e da entrevista do chefe de transmissão, mesmo com os avanços do feminismo citados ao longo dessa pesquisa — e outros que foram deixados de fora, mas que têm relevância em toda a história e luta para que as mulheres possam estar onde estão hoje no âmbito esportivo — ainda temos muito o que avançar.

Além das revisões feitas pela equipe de transmissão e organização, nos últimos Jogos Olímpicos, vimos muitos progressos para mulheres, como a escolha da dupla campeã de vôlei de praia, Duda e Ana Patrícia, de competirem com um short como uniforme, e não uma calcinha de biquíni.

O não querer utilizar uniformes que sexualizam mulheres já levou a equipe norueguesa de handebol de praia a serem multadas. Em 2021, a equipe se recusou a utilizar o uniforme previsto pela federação europeia — top e calcinha de biquíni — e acabou acarretando em uma multa para cada jogadora de 150 euros, totalizando 1.500 euros em multa por descumprimento das regras de vestimentas.

Ter a presença de mulheres competindo, pode ser considerado um grande avanço desde o início das Olimpíadas. Segundo o artigo “A mulher olímpica: Tradição versus inovação na busca pela inclusão”, de Ana Miragaya (2021, p. 1) as mulheres conquistaram seu espaço no esporte juntamente com o espaço na sociedade como um todo:

> As mulheres começaram a conquistar novas posições em seus países, tornando-se mais ativas, e especialmente lutando para se tornarem cidadãs com direito ao voto. Se as mulheres estavam cada vez mais querendo ocupar um lugar na ordem social, não era muito diferente no mundo do esporte.

A ideia de que o esporte não era local para mulheres perdurou tanto que, em 1938 um dos idealizadores das Olimpíadas da Era Moderna e ex-presidente do COI (1896 — 1925), o barão Pierre de Coubertin (1863 — 1937), afirmou que a inserção de mulheres no esporte seria prejudicial tanto para elas, quanto para os espectadores. Os únicos “beneficiados” do interesse de mulheres no esporte, seriam seus filhos, que teriam o apoio das mães para praticarem quaisquer modalidades esportivas.

Além disso, em seu livro “Pedagogia Esportiva”, de 1922, Coubertin ainda reforça a ideia de que o esporte feminino não é assistido pela competição em si, mas sim para os homens as vê-las com uma tendência sexual: “[mulheres] serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vê-las obedecem a preocupações de outra espécie” (Coubertin, 1922), (figura 12).

COUBERTIN E OS ESPORTES FEMININSO

"O problema dos esportes femininos complica-se com a paixão e expressões exaggeradas que nelle põe a campanha feminista. Os dirigentes desta campanha pretendem simplesmente a annexação de tudo que até agora era do dominio proprio do homem; d'ahi a tendencia da mulher querer mostrar-se capaz de egualar o homem em todas as actividades. E' assim que no esporte as mulheres appellam para a força nervosa, afim de attingir os resultados obtidos pela força muscular dos seus rivaes masculinos.

Quaes serão os inconvenientes ou perigos de um tal estado de coisas no dia em que afinal se generalisar? E a sua diffusão se processa, agora, com grande rapidez... Direi, com franqueza, todo o meu pensamento: nada de sério nem de duravel se deve recear, desde que seja observada a regra unica que domina toda a questão: nada de espectadores. O espectador esportivo tem sempre necessidade de ser moralmente vigiado. E' preciso saber o que elle procura e por que vae ao campo de esportes. Mas emquanto para os concursos masculinos a grande maioria comparece interessada de facto pela pratica esportiva, de modo que algumas ovelhas gafadas, perdidas na massa, podem ser desprezadas, o caso é bem differente para os concursos femininos. Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reunem para vel-as obedecem a preoccupações de outra especie. E por isto trabalham para a corrupção do esporte, sem contribuir, aliás, para o levantamento da moral geral.

Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espectaculo, não ha razão alguma para condemnal-os. Ver-se-á, então, o que delles resulta. Talvez as mulheres comprehenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para o seu encanto nem mesmo para a sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir intelligentemente a educação physica dos seus filhos. Não se poderia esperar da intervenção de uma e de outra consequencias mais geraes, como, por exemplo, uma especie de estabilisação da moda que é necessaria para que os esportes se alimentem, mas cujos proprios excessos sempre provocam o risco de uma reacção?"

Trecho do notavel livro "Pedagogia esportiva", publicado inicialmente em 1922, em Lausanne, e reeditado em Outubro de 1934, nesta ultima edição reaffirmando o illustre autor o seu ponto de vista anterior.

46 EDUCAÇÃO PHYSICA

Figura 12: Trecho do livro "Pedagogia do Esporte", de Pierre de Coubertin, traduzido pela revista Educação Physica
Imagem: Revista Educação Physica, 1938, edição 21, pg 46

7.2 Mulheres na luta greco-romana

Um exemplo de mudança que está demorando para acontecer é a presença de mulheres nas lutas greco-romanas. Presente na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Antiga, em 708 a.C., esse esporte é um esporte disputado apenas por homens. Nesta modalidade, os atletas podem utilizar apenas a parte de cima do corpo para lutar com seu oponente e têm como objetivo o de imobilizar seu adversário.

Em entrevista à BBC, a ex-atleta e vice-presidente da Confederação Brasileira de Wrestling (CBW), Aline Silva, falou sobre a incoerência na promoção de uma Olimpíada da igualdade, enquanto mulheres são proibidas de lutar: "Estão promovendo Paris 2024 como a Olimpíada da igualdade, mas a verdade é que a disparidade continua com as mulheres sendo proibidas de disputar o estilo greco-romano".

Voltando à Miragaya, em seu artigo, ela diz que, nas Olimpíadas da Antiguidade, as mulheres eram proibidas de participar, pois se tinha a crença de que elas eram frágeis e poderiam se machucar, minimizando as chances de se ter um filho saudável, que um dia seria vitorioso, tanto nos jogos olímpicos como nas guerras que aconteciam entre os povos.

Mais de 2.700 anos se passaram e algumas coisas continuam iguais. Ainda em sua entrevista para a BBC, a vice-presidente da CBW afirmou (2024) que sempre ouviu de superiores que ela não poderia ter filhos caso lutasse greco-romano:

> Ouvi a minha vida inteira e ainda ouço de dirigentes e atletas que mulheres não podem lutar greco-romana porque vão machucar os seios e ficar estéril, [...] mas isso é um absurdo que não se justifica tecnicamente.

7.3 Flávia Lima

Também nesta edição olímpica, tivemos casos que colocam à prova o respeito que a sociedade tem com mulheres, principalmente as que escolhem a vida de atleta, mas sem abrir mão de uma vida pessoal.

Em meio a um ciclo olímpico, Flávia Lima, meia-fundista brasileira, passou por um divórcio e foi acusada de abandono parental pelo ex-marido e pai de sua filha, que tinha 6 anos na época (figura 13).

Figura 13: Flávia Maria de Lima, atleta de alto rendimento, em competição.
Imagem: Reprodução instagram @mariadelimaflavia

No dia 19 de junho de 2024, faltando um pouco mais de um mês para o início da edição de Paris dos Jogos Olímpicos, Flávia Lima publicou em sua rede social pessoal um vídeo, no qual contou que estava passando por um divórcio e que seu ex-marido estava protocolando todas as competições das quais ela participava para alegar abandono parental por parte dela.

Para um atleta de alto rendimento, como Flávia, ser classificado para as Olimpíadas é um sonho e uma meta a ser atingida. Esse feito se consegue de duas formas no atletismo (modalidade de Flávia): Pelo índice — que na prova de 800 m é de 1min50s30, marca que nunca foi atingida em uma competição brasileira — e um ranking de pontuação, que leva em conta 5 competições. Em depoimento ao portal de notícias UOL, Flávia fez a explicação de como se chega até as Olimpíadas para afirmar que não é possível estar no alto nível sem viajar para competir, em qualquer uma das modalidades: “Viajar faz parte da minha profissão, das

etapas que eu preciso percorrer para obter meu sustento, com bolsas e patrocínio, e alcançar meus objetivos profissionais" (Lima, 2024).

Nesse depoimento, Flávia disse que, ao se tornar mãe, as responsabilidades de casa caíram todas sobre ela, além de treinar e fazer crochê para conseguir uma renda extra: "Disse com todas as letras que era minha obrigação ele chegar em casa e estar com a comida feita, a roupa lavada, servir ele em todos os sentidos".

Indignada com as ações de seu ex-marido e as pressões que as mulheres sofrem ao decidirem ser mãe e também continuar com suas carreiras, Flávia se pergunta quantos atletas homens que competem em Olimpíadas são pais. Em entrevista ao UOL (2024, p. 1), ela diz:

> Ao longo da história dos Jogos Olímpicos, sabe-se lá quantas dezenas de milhares de atletas homens competiram. Eles sempre foram maioria, afinal. Imagine quantos eram pais. Mas nenhum nunca foi acusado de abandonar os filhos por trabalhar como atleta para o sustento deles. Eu sou, e só porque sou mãe, logo, mulher.

Ainda no depoimento, Flávia relata que, após o divórcio, se mudou com sua filha para a cidade de sua mãe, que fica aproximadamente 6 horas de carro de Campo Mourão, onde seu ex-marido mora, mas que ele nunca foi visitar a filha e a viu apenas uma vez, quando Flávia a levou até a cidade em que ele reside, mas mesmo assim ele protocola no processo cada competição que a atleta participa:

> Mas, a cada vez que sai uma convocação minha, ela é peticionada no processo, na tentativa de convencer a Justiça de que estou abandonando minha filha. Foi assim no Campeonato Sul-Americano Indoor, na Bolívia, e no Mundial Indoor, para o qual fui convocada no dia da viagem, e que aconteceu na Inglaterra.

Flávia diz que o "terrorismo judiciário" que seu ex-marido pratica com ela, chegou a atrapalhar e a impedir de competir algumas vezes. Na mesma entrevista (2024, p.13), ela afirma:

> Quando esse terrorismo judiciário começou, eu passei a entrar em pânico de competir. Estava com passagem comprada e hotel reservado pelo clube para competir a Copa Brasil de Meio-Fundo, mas entrei em pânico e não consegui sair de casa. Depois, isso se repetiu em uma competição estadual.

Após muita conversa com sua psicóloga e ainda com medo, Flávia decidiu que iria participar dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 por ela e por sua filha: “Ir para os Jogos Olímpicos é uma forma de resistência. É uma forma de dizer para minha filha que ela é dona das escolhas dela, da vida dela, que ninguém pode dizer o que ela pode ou não fazer”.

Hoje, treina nas ruas de Campo Tenente, onde mora com sua família e sua filha, pois a cidade não possui um local para treinos, e mesmo assim, Flávia voltou a alcançar seu tempo de 1min25s na prova de 600m, marca que só tinha conseguido não oficialmente em 2015, antes de seu ex-marido participar ativamente de sua vida. Em seu vídeo publicado em perfil próprio, Flávia (2024, 7min):

> Em 2015 eu já estava namorando com meu ex, mas eu morava longe. Em 2016 ele começou a fazer pressões psicológicas para eu abandonar o meu treinador, abandonar onde eu morava para vir morar com ele. E desde então eu nunca mais consegui chegar ao nível que eu estava naquele ano. Agora que ele saiu da minha vida, Deus agiu e eu voltei ao nível que eu sempre sonhei, e que eu tinha condições de chegar novamente.

Por se tratar de um processo envolvendo criança, ele corre em segredo de justiça e, até o dia de entrega deste trabalho, não houve nenhuma determinação judicial.

7.4 Imaene Khelif

Nesta última edição dos Jogos Olímpicos também houve discriminação por identidade de gênero e repercussão de mentiras a respeito da atleta pugilista argelina, Imane Khelif.

Na última edição dos Jogos Olímpicos, durante a primeira rodada do boxe femnino na categoria de até 66kg, Imaene Khelif lutou com a italiana Angela Carini. A luta durou 46 segundos, até que Khelif nocauteou Carini, que saiu por dores intensas no nariz, e sua desistência trouxe à tona uma polêmica que teve início no Mundial de 2023.

Na dada competição, a IBA (Associação Internacional de Boxe) decidiu por banir Khelif e a tailandesa, Yu-ting, do torneio alegando “falhas nos critérios de elegibilidade”. O presidente da IBA, o russo Umar Kremlev, disse a portais de seu país que “testes de DNA de duas boxeadoras provaram que elas têm cromossomos XY (masculinos) e por isso foram excluídas [do Mundial]” (Kremlev, 2023). Porém, esses testes nunca vieram à público.

Com essa alegação da IBA, iniciou-se um boato de que Imane seria transgênero, ou seja, nascida biologicamente como um homem, mas descoberto-se mulher ao longo de sua vida, o que, segundo o dirigente do Comitê Olímpico Argelino, Yassine Arab, não é verdade:
"Esta controvérsia é uma piada. Todo mundo sabe que Imane nasceu menina. Ela lutou o tempo todo como garota, [em] todas as competições ela foi uma garota. Quando ela estava perdendo, ninguém falava disso" (Arab, 2024).

É importante ressaltar que, além de esses testes feitos pela IBA nunca terem vindo à público (até a data de entrega deste trabalho), as regras utilizadas pela entidade no Mundial, são diferentes das que se utilizam nas Olimpíadas, e que a Associação Internacional de Boxe perdeu credibilidade e a condição de órgão organizador dos Jogos Olímpicos por falta de transparência financeira e acusações de manipulações em resultados de competições.

Em Paris, Imane foi campeã de sua categoria, levando o ouro para casa. Porém, durante todas as lutas, o foco não era o esporte, mas sim o gênero da atleta. Após as quartas de final, contra a húngara Anna Luca Hamori, a pugilista argelina deu uma entrevista, na qual a maioria das perguntas não tinha relação com o esporte e sua profissão.

Mesmo ganhando a luta, que lhe garantia — ao menos — a medalha de bronze, Khelif foi consolada por seus treinadores ao sair do ringue, pois desabou em choro por conta de como sua vida se transformou e os holofotes que ganhou, não pela luta, mas sim por um boato.

Ao dar a entrevista pós luta, foi necessário que Imane confirmasse seu gênero para as câmeras do mundo inteiro: "Quero dizer ao mundo inteiro que sou mulher e continuarei mulher" (Khelif, 2024), (figura 14).

Figura 14: Imane Khelif, atleta medalhista de ouro das Olimpíadas 2024 no boxe até 66kg.
Imagem: Reprodução instagram @imane_khelif_10

Tanto Khelif quanto Liu Yu-ting, banidas do Mundial 2023, foram liberadas para lutar nas Olimpíadas pelo COI, pois, segundo o Comitê, ambas foram expulsas do Mundial por níveis de testosterona incomuns, o que não faz delas transgêneros, como ressaltou o porta-voz do COI, Mark Adams (2024):

> Elas perderam e venceram contra outras mulheres através do tempo e precisamos deixar muito claro, isto não é uma questão transgênero. Sei que sabem disso, mas houve alguns erros de reportagem, é muito importante dizer que não é uma questão de transgêneros.

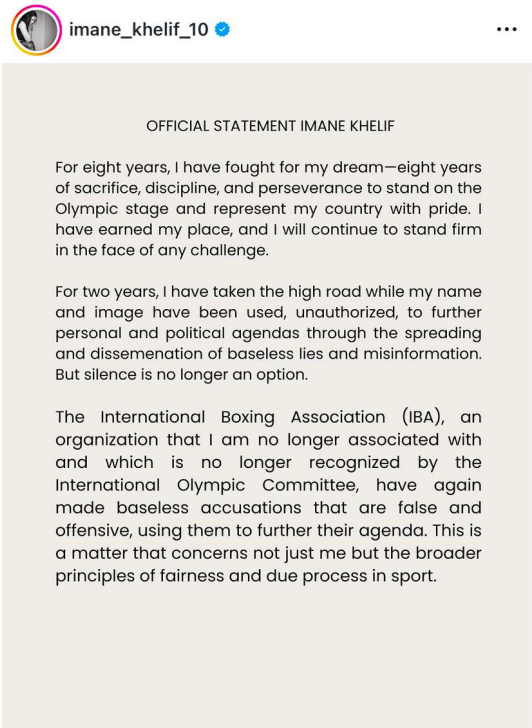
É importante pontuar que os motivos pelos quais a IBA baniu as atletas podem ser explicados cientificamente: a presença de testosterona alta pode aparecer por conta de problemas de saúde, como em casos de ovário policísticos ou problemas relacionados aos ovários. Já a presença de cromossomos XY no sangue, pode se dar pela síndrome de Swyear, na qual homens apresentam alguns cromossomos XX, e mulheres alguns XY. Portanto, tanto um quanto o outro, não são motivos para que Khelif e Yu-ting fossem expulsas do Mundial de 2023.

No dia 11 de fevereiro de 2025, a IBA entrou com uma ação contra o Comitê Olímpico, alegando novamente que as atletas são trangêneros. A associação realizou a denúncia após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinar um decreto que suspende a participação de atletas transgeneros em competições femininas. Em um comunicado publicado no dia 12/02/2025, Kremlev (2025) afirmou que entraram com a ação para garantir uma competição mais igualitária:

> Estamos muito felizes porque poderemos provar no tribunal que Khelif, segundo a base dos critérios de elegibilidade, não estava autorizada a participar de eventos de boxe feminino para garantir a segurança e uma oportunidade de igualdade às competidoras.

No mesmo dia, Khelif (2025) postou um comunicado em seu instagram pessoal (figuras 15 e 16), afirmando que a IBA fez novas “acusações infundadas” e que está tomando todas as providências legais para que possa continuar lutando:

> A IBA voltou a proferir acusações infundadas que são falsas e insultantes. Minha equipe está estudando minuciosamente a situação e tomará todas as medidas legais necessárias para garantir que meus direitos e os princípios de competição leal sejam respeitados.



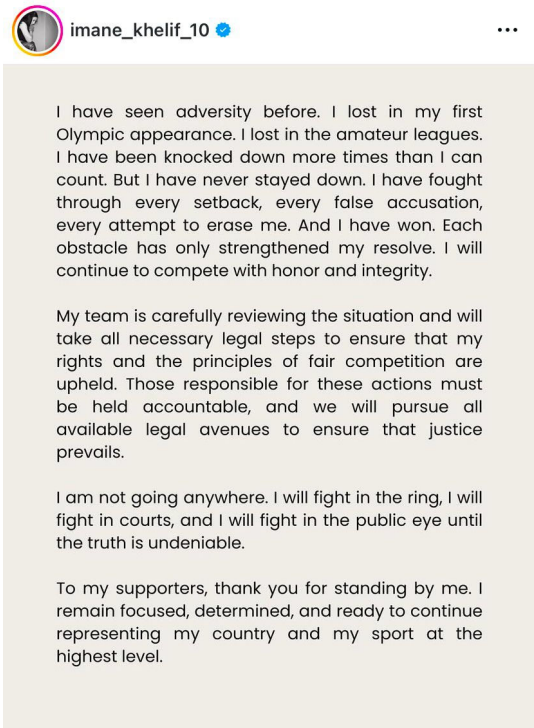
imane_khelif_10

OFFICIAL STATEMENT IMANE KHELIF

For eight years, I have fought for my dream—eight years of sacrifice, discipline, and perseverance to stand on the Olympic stage and represent my country with pride. I have earned my place, and I will continue to stand firm in the face of any challenge.

For two years, I have taken the high road while my name and image have been used, unauthorized, to further personal and political agendas through the spreading and dissemenation of baseless lies and misinformation. But silence is no longer an option.

The International Boxing Association (IBA), an organization that I am no longer associated with and which is no longer recognized by the International Olympic Committee, have again made baseless accusations that are false and offensive, using them to further their agenda. This is a matter that concerns not just me but the broader principles of fairness and due process in sport.



imane_khelif_10

I have seen adversity before. I lost in my first Olympic appearance. I lost in the amateur leagues. I have been knocked down more times than I can count. But I have never stayed down. I have fought through every setback, every false accusation, every attempt to erase me. And I have won. Each obstacle has only strengthened my resolve. I will continue to compete with honor and integrity.

My team is carefully reviewing the situation and will take all necessary legal steps to ensure that my rights and the principles of fair competition are upheld. Those responsible for these actions must be held accountable, and we will pursue all available legal avenues to ensure that justice prevails.

I am not going anywhere. I will fight in the ring, I will fight in courts, and I will fight in the public eye until the truth is undeniable.

To my supporters, thank you for standing by me. I remain focused, determined, and ready to continue representing my country and my sport at the highest level.

Figuras 15 e 16: Em inglês, declaração de Imane Khelif sobre novas acusações da IBA.
Imagem: Reprodução instagram @imane_khelif_10

Em entrevista a essa pesquisa, a geneticista Dra. Cecília Buck explicou que, em alguns casos de mutações genéticas em que o indivíduo seja portador de cromossomos XX e XY, pode não haver vantagem esportiva do atleta que possua a mutação. Isso porque, mesmo havendo cromossomos XY, a atleta pode não ter a liberação de androgênio (hormônio masculino que a levaria a ter uma vantagem competitiva em relação às suas adversárias).

A médica ainda explicou que, se tratando de atletas olímpicos, várias mutações e alterações genéticas são encontradas, como a Síndrome de Marfan, comum entre nadadores, jogadores de basquete e vôlei, pois afeta a envergadura e também a altura do portador. Acredita-se que o nadador estadunidense e dono de 28 medalhas olímpicas — sendo 23 de ouro —, Michael Phelps, seja portador dessa síndrome. Com todas as especulações sobre ele, mesmo antes de se aposentar das Olimpíadas, não houve nenhum movimento para tentar banir Michael Phelps de competições ou boatos criados de que seria inapropriado para ele competir com outros nadadores. Porque no caso de Imaene o IBA está tentando de tudo para que a atleta não seja mais apta a competir? A diferença entre a lutadora e o nadador está associada ao gênero de cada um?

7.5 Equipe de natação australiana

Mesmo com as medidas tomadas pelo Comitê Olímpico Internacional e pelo Serviço Olímpico de Transmissão em relação às transmissões serem menos enviesadas do ponto de vista machista e aumentar as representatividades femininas durante os jogos, na última edição ainda pudemos presenciar comentários sexistas enquanto as atletas se apresentavam. Um dos casos aconteceu durante a premiação das australianas da equipe de natação de revezamento 4x100 livre.

Nas competições aquáticas, tanto nas modalidades masculinas quanto nas femininas, os atletas saem da piscina, vão para o vestiário e se trocam. É uma prática comum e que acontece para que eles não subam ao pódio e recebam suas medalhas molhados (figura 17).

Figura 17: Equipe australiana com medalhas de ouro conquistadas no revezamento 4x100.
Imagem: Divulgação/Paris 2024

Após a conquista da medalha de ouro das nadadoras australianas, enquanto elas iam ao vestiário como de costume, Bob Ballard, locutor e comentarista da TV Eurosport com mais de 40 anos de experiência, de acordo com o The Independent, disse: “Bem, as mulheres estão terminando. Você sabe como elas são... Andam por aí, se maquiam” (Ballard, 2024).

Mollie O'Callaghan, Shayna Jack, Emma Mckeon e Meg Harris foram responsáveis pelo tetracampeonato da seleção australiana de natação feminina no dia de 27/07/2024. Essa medalha fez Emma McKeon se tornar a maior medalhista de ouro na natação australiana, sendo sua sexta medalha. E, mesmo assim, tudo o que Ballard conseguiu transmitir foi um estereótipo já ultrapassado em relação às mulheres.

Por sua vez, a Eurosport, pertencente à Warner Bros, afastou imediatamente o locutor de suas funções e acabou por decidir demiti-lo por conta do comentário realizado. Em comunicado ao The Independent, a emissora se pronunciou: “Durante um evento da cobertura do Eurosport na noite passada, o comentarista Bob Ballard fez um comentário inapropriado. Para esse fim, ele foi removido da nossa lista de comentaristas com efeito imediato”.

Além da emissora, diversos internautas e atletas, como Lizzie Simmers, que estava na transmissão com Bob Ballard, se pronunciaram através das redes sociais. Em tradução livre, o jornalista do The Guardian e crítico de TV, Scott Bryan (2024, via X), (figura 18), disse em sua conta no X:

> A Eurosport agora tem que tirar Bob Bellard como comentarista de natação, dado o comentário sexista de ontem: ‘Bem, as mulheres estão terminando. Você sabe como elas são... Andam por aí, se maquiam’.

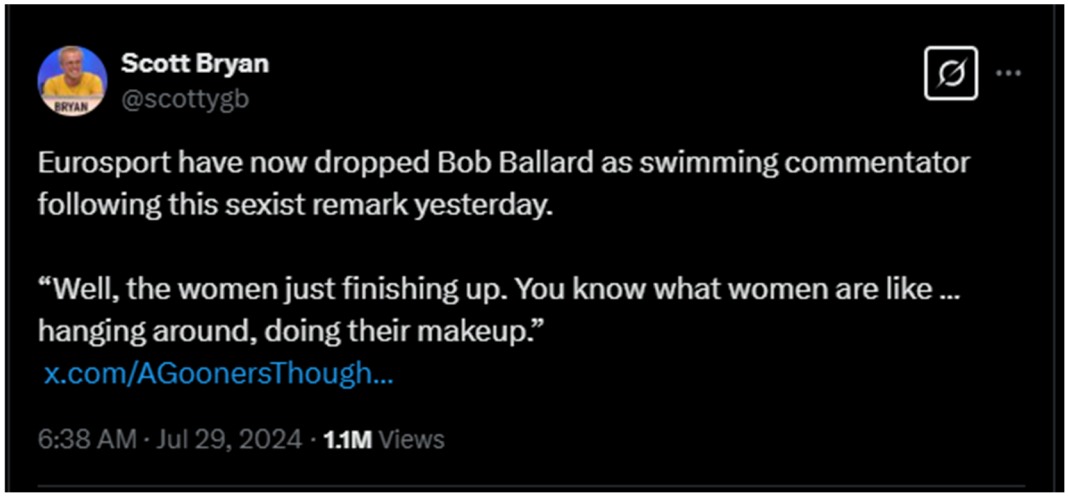


Figura 18: Em inglês, o crítico de TV, Scott Bryan, expôs sua opinião de acordo com a situação de Ballard. Imagem: Reprodução X @scottygb

Esse acontecimento ilustra que não basta apenas os órgãos responsáveis pelo acontecimento dos Jogos Olímpicos realizarem treinamentos e pronunciamentos para o público. É preciso que as emissoras tenham o mesmo empenho para que comentários “ultrajantes”, nas palavras de Lizzie Simmers, como este não continuem a se repetir, pois eles perpetuam o machismo e o sexismo no âmbito esportivo.

7.6 Brasil nas Olimpíadas de 2024 e programa MIRA

É inegável o quanto as atletas olímpicas treinam, o quanto elas lutam pelos seus espaços todos os dias e o quanto a presença de mulheres é importante para o cenário esportivo, tanto mundial quanto brasileiro.

Na edição de 2024, o Brasil conquistou, ao todo, 20 medalhas, sendo 13 com participação feminina direta nas competições e, apenas uma delas, com equipes mistas. Portanto, exclusivamente as brasileiras trouxeram mais da metade das medalhas para casa.

Ainda que o protagonismo brasileiro tenha sido feminino, ao olharmos pelo lado das comissões técnicas e dos organizadores do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), a presença de mulheres ainda é pouca. Em vista de aumentar a presença de mulheres nas comissões técnicas esportivas, o COB divulgou, em outubro de 2024, que pretendia ampliar a participação feminina em todas as equipes a partir das competições internacionais acontecidas em 2025, como os Jogos Pan-americanos Júnior e os Jogos Sul-Americanos da Juventude. Em declaração sobre o assunto, o presidente do COB, Paulo Wanderley (2024), disse:

> O protagonismo feminino nos Jogos de Paris 2024 não foi por acaso. A implementação da área Mulher no Esporte no COB e a criação de uma comissão específica para o tema, em 2021, tiveram justamente o objetivo de elaborar políticas, programas e projetos que gerem mais oportunidades para o aprimoramento das atletas, treinadoras e gestoras no esporte olímpico brasileiro. Com a ampliação do número de mulheres nas comissões técnicas em nossas missões, tenho certeza de que essa evolução se fará cada vez mais visível e importante para o esporte brasileiro.

Além dessa decisão, o COB já vinha implementando outras medidas para que a presença feminina as comissões técnicas aumentassem, como o Programa de Mentoria Individualizada Reflexão e Ação (MIRA), o qual visa impulsionar o número de treinadoras nos esportes, principalmente em grandes competições, como as Olimpíadas.

O Programa teve uma atividade presencial, que aconteceu nos dias 19 e 20 de setembro de 2024 na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), da UNICAMP de Limeira, a qual é a única universidade do país que oferece o Curso de Ciências do Esporte, focado em formar profissionais para comissões técnicas e comitês esportivos (figura 19). Durante o encontro realizado com 10 mulheres de comissões técnicas olímpicas, elas tiveram a oportunidade de realizar trocas internas e externas, com os alunos da universidade. Em entrevista ao Comitê Olímpico do Brasil, a gerente de desenvolvimento esportivo do COB, Taciana Pinto, afirmou

que encontros como o acontecido em setembro de 2024, são essenciais para que mudanças e cada vez mais a presença de mulheres ocorram nos ambientes esportivos. Em entrevista para o COB, Taciana Pinto (2024) afirma que:

> Cada comentário ou reflexão feito pelas treinadoras nos embasa de informações para propormos mais ações voltadas as necessidades específicas das mulheres na carreira de treinadora, e assim entendemos que poderemos impactar a realidade brasileira — e global — do baixo número de treinadoras atuando no esporte de alto rendimento"

Figura 19: Equipe MIRA, em encontro presencial acontecido em Limeira/SP na UNICAMP
Imagem: William Lucas/COB

Apesar de todas as medidas implementadas pelo COI e pelos Comitês individuais de cada delegação, como a brasileira, e mesmo que as Olimpíadas de Paris 2024, ainda que historicamente tenham ficado marcadas como as mais igualitárias desde a primeira edição dos jogos, ainda foi deixado muito a desejar. Como vimos neste capítulo, mesmo que medidas tenham sido tomadas pelas autoridades, atletas mulheres ainda enfrentam diversos desafios quanto à questão de gênero e o local que elas ocupam no ambiente esportivo.

Dizer que a Olimpíada de Paris foi a primeira em igualdade de gênero, vai além do que ter o mesmo — ou aproximadamente — número de atletas competindo. É preciso ter representatividade em todas as áreas que envolvem a realização do evento, e se pensar em como olhamos para as mulheres, principalmente no meio esportivo.

A representação midiática das atletas mulheres, seja em veículos de comunicação digitais, televisivos ou até mesmo impressos, ilustra grandemente como que a sociedade ainda se comporta com a participação de mulheres nos esportes. E ilustra ainda mais sobre como os veículos querem repassar a imagem para seus espectadores, ouvintes e leitores.

Trazendo de volta o livro de Couchot, "Da Fotografia a Realidade Virtual", onde ele discute sobre o ponto de vista do autor e do observador e o terceiro capítulo dessa pesquisa, "O Jornalismo como Autoridade", na qual concluímos que tem-se a ideia de que o jornalista não repassa uma ideologia, mas sim fatos com imparcialidade e objetividade, podemos afirmar que o avanço de igualdade de gênero e a representatividade, assim como a resistência do machismo em alguns pontos, se dá pela forma como as mulheres — aqui como um todo e não apenas as atletas — e seus feitos são veiculados para o mundo.

Por isso, mesmo com as realizações feitas por emissoras, comissões técnicas e pelo Comitê Olímpico para os Jogos de Paris de 2024, como a demissão por falas machistas, a criação de programas que incentivem mulheres a serem treinadoras, a mudança da logo, a renomeação de locais esportivos e a troca nos horários dos jogos femininos, como vimos neste capítulo, ainda temos muito o que avançar para que a igualdade de gênero seja realmente atingida.

8. Considerações finais

O feminismo no fotojornalismo esportivo é uma área essencial de estudo, pois aborda as formas como as mulheres são representadas visualmente nos meios de comunicação, e o impacto dessas representações na percepção pública. O fotojornalismo esportivo, como uma prática que documenta e transmite eventos através da imagem, desempenha um papel crucial na formação de narrativas sobre gênero no esporte.

As imagens capturadas por fotojornalistas não são meros registros neutros; elas carregam consigo significados culturais, sociais e políticos que podem reforçar ou desafiar os estereótipos de gênero. Através de uma lente feminista, é possível questionar as escolhas feitas pelos fotógrafos e editores, como quais atletas são fotografadas, como são enquadradas e qual mensagem essas imagens transmitem ao público.

Nos últimos anos, tem havido esforços para corrigir as desigualdades na representação de mulheres no esporte, como visto no último capítulo desta pesquisa. Alguns fotojornalistas comprometidos com uma abordagem igualitária, têm buscado capturar imagens que mostram as mulheres atletas em toda a sua força, habilidade e determinação, desafiando os estereótipos tradicionais.

Essas imagens procuram enfatizar o talento e a perseverança das atletas, destacando seu profissionalismo e dedicação ao esporte. As redes sociais também desempenharam um papel significativo nesse processo, proporcionando uma plataforma para que as próprias atletas compartilhem suas histórias e imagens de uma maneira que reflita suas realidades e desafios de forma mais autêntica.

A adoção de uma perspectiva feminista não apenas no fotojornalismo esportivo, mas na cobertura jornalística esportiva como um todo, tem o potencial de transformar significativamente a maneira como as mulheres no esporte são vistas e valorizadas, como no exemplo de Semenya e Imaene. Ao produzir e disseminar imagens que desafiam os estereótipos de gênero, o fotojornalismo feminista contribui para a construção de uma cultura esportiva mais inclusiva e igualitária.

Essas imagens têm o poder de inspirar futuras gerações de mulheres atletas, mostrando que o esporte é um espaço onde elas podem ser reconhecidas e celebradas por suas habilidades, sem serem reduzidas a sua aparência ou sexualidade. Além disso, o fotojornalismo feminista

também pode influenciar a forma como o público em geral vê as mulheres no esporte, promovendo uma maior apreciação por suas conquistas e um entendimento mais profundo dos desafios que enfrentam.

Imagens como as trazidas nessa pesquisa ilustram muito mais do que um feito esportivo, representam toda uma nação, uma população que se identifica com as atletas — seja pelo gênero, pela cor ou pela situação semelhante que está sendo enfrentada em sua vida pessoal — mostrando efetivamente qual o real poder do fotojornalismo esportivo.

O efeito que o feminismo possui sobre o fotojornalismo esportivo é poderoso e também uma ferramenta para desafiar as representações tradicionais de gênero, além de promover uma visão mais justa e equilibrada das mulheres no esporte. Ao questionar as narrativas visuais que dominam a cobertura esportiva, órgãos de autoridade em jogos internacionais — como as mudanças realizadas pela organização das Olimpíadas nos jogos de 2024 — e ao criar novas imagens que celebram as mulheres por suas realizações atléticas, o jornalismo feminista desempenha um papel crucial na luta pela igualdade de gênero no esporte.

Porém, ainda que com todos os avanços e conquistas aqui citadas, ainda temos muito o que caminhar. Ao analisarmos a abordagem das Olimpíadas de Paris 2024, podemos perceber um viés machista e erotizada das mulheres por parte dos portais e repórteres que fizeram a cobertura do evento, mesmo que desencorajados pelas emissoras e comissões organizadoras.

Por isso, continuar a desenvolver e apoiar essa abordagem é fundamental para garantir que as futuras gerações de mulheres atletas possam competir em um ambiente que as valorize plenamente, tanto dentro quanto fora do campo.

Ainda que demore, dar continuidade, analisar e criticar o efeito do feminismo não apenas no fotojornalismo, mas sim no jornalismo como um todo, principalmente no âmbito esportivo, é o que levará a uma igualdade de gênero dentro do cenário esportivo.

9. Referências

Redação. Imane Khelif denuncia novas acusações 'falsas' da Federação Internacional de Boxe. **Agence France-Presse,** 12 fev. 2025. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/02/12/imane-khelif-denuncia-novas-acusacoes-falsas-da-federacao-internacional-de-boxe.htm

ARAÚJO, Érika Alfaro de. **Mulheres em campo**: gênero no jornalismo esportivo brasileiro. 1 ed. Curitiba: Appris, 2023.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. **Jornalismo feminino e jornalismo feminista**: Aproximações e distanciamentos, 2015.

BARTHES, Roland. **A Câmera Clara**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BRAUN, Julia. A última luta olímpica vetada para mulheres: 'Machismo escancarado'. **BBC News Brasil**, 10 ago. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gq5njgpnko#:~:text=Al%C3%A9m%20da%20luta%20greco%2Dromana,decatlo%20s%C3%B3%20os%20homens%20competem

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa Feminina**, Editora Ática, 1986.

Redação. COB realiza encontro presencial do Programa de Mentoria para Treinadoras com objetivo de aumentar presença delas nos Jogos. **Comitê Olímpico do Brasil**, 27 set. 2024. Disponível em: https://www.cob.org.br/comunicacao/noticias/cob-realiza-encontro-presencial-do-programa-de-mentoria-para-treinadoras-com-objetivo-de-aumentar-presenca-delas-nos-jogos-5

COPLE, Julia. Olimpíadas 2024: Comentarista de TV pede desculpas após demissão por comentários sexistas sobre nadadoras. **O Globo**, 29 jul. 2024Disponível em: https://oglobo.globo.com/esportes/olimpiadas/noticia/2024/07/29/olimpiadas-2024-comentarista-de-tv-pede-desculpas-apos-demissao-por-comentarios-sexistas-sobre-nadadoras.ghtml

COSTA, G. e GUERRA, M. Paris 2024 não alcança equidade prometida e terá mais homens do que mulheres; entenda. **Globo Esporte**, 17 jul. 2024. Disponível em:

https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/17/paris-2024-nao-alcanca-equidade-prometida-e-tera-mais-homens-do-que-mulheres-entenda.ghtml

COUBERTIN, Pierre. **Pedagogia Esportiva**. Revista Educação Physica (1938) Edição 21, p. 46.

COUCHOT, Edmond. **Da Representação à Simulação**. In Parente, André (org.). Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual, Rio de Janeiro, Ed 34, 1993.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual** (tradução Sandra Rey). Porto Alegre: Editora da UFRGS. (Coleção Interfaces), 2003.

DEU BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo.** 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

DEPASSE, Guillaume. **Paris 2024**: os primeiros Jogos Olímpicos com total igualdade de gênero. 27 mar. 2023. Disponível em: https://www.olympics.com/pt/noticias/paris-2024-primeiros-jogos-total-igualdade-genero

KHOURI, Magda Guimarães. **Fotografia**: realidades e ficções. Ide (São Paulo), 2025.

LAURENTIZ, Silvia. **Imagens Animadas** – estruturas dinâmicas analisadas a partir de princípios semióticos, tese de doutorado defendida na PUC-SP, Programa de Pós-graduação de comunicação e semiótica, 1999.

LAURENTIZ, Silvia. **A Subjetividade em Rede**. In: 15 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Bauru, 2006.

LAURENTIZ, Silvia. **Metáfora: primeiras aproximações**. 2005. Artigo apresentado no Compôs. in http://www.cap.eca.usp.br/poeticasdigitais/interfaces.html.

LAURENTIZ, Silvia. **Imagem e (i)materialidade**. 2005. Wawrwt, www.cap.eca.usp.br/wawrwt/textos3.html

LAURENTIZ, Silvia. **O tempo nas imagens animadas**: uma abordagem semiótica.

LAURENTIZ, Silvia. **Questões da Imagem**. 2004. In www.cap.eca.usp.br/wawrwt/textos3.html

LAURENTIZ, Silvia. **10 questões da imagem e outras tantas mais**, Cultura visual e

desafios da pesquisa em artes. 14 Encontro Nacional da ANPAP, vol 2, ANPAP e UFG, Goiânia, 2005.

LEÃO, Lúcia. **Interlab** – Labirintos do Pensamento contemporâneo. São Paulo, Iluminuras, 2002.

LUZ, Dioclécio. **O jornalismo e a autoridade**; 16 set. 2014. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed816_o_jornalismo_e_a_autoridade/

MANDELLI, Mariana. **Olimpíadas de Paris dão passo contra a sexualização das mulheres**. 31 jul. 2024. Disponível em: https://www.palavraaberta.org.br/artigo/olimpiadas-de-paris-dao-passo-contra-a-sexualizacao-das-mulheres

MIRAGAYA, Ana. **A mulher olímpica**: Tradição versus inovação na busca pela inclusão, 2002.

OLIVEIRA, Tanuza. **Olimpíadas**: continuamos campeões em machismo. 6 ago. 2024. Disponível em: https://www.jlpolitica.com.br/articulista/16/olimpiadas-continuamos-campeoes-em-machiso

Paris é delas. **O protagonismo feminino em resultados e em histórias**. 12 ago. 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/paris-e-delas/videos/o-protagonismo-feminino-em-resultados-e-em-historias,7ac0e3e7abc580a281a4b5e71dc0ef5e33qk66nm.html

Redação. Boxeadoras reprovadas em teste de gênero são autorizadas a disputar Olimpíadas. **Globo Esporte**. 29 jul. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/29/boxeadoras-reprovadas-em-teste-de-genero-sao-autorizadas-a-disputar-olimpiadas.ghtml

Redação. COB adota medida para ter mais mulheres nas delegações de competições internacionais. **Globo Esporte**. 11 out. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/10/11/cob-adota-medida-para-ter-mais-mulheres-nas-delegacoes-de-competicoes-internacionais.ghtml

RIVEIRA, Carolina. Jogadoras da Noruega são multadas por não aceitar uniforme biquíni. **Exame**. 22 jul. 2021. Disponível em: https://exame.com/mundo/jogadoras-da-noruega-sao-multadas-por-nao-aceitar-uniforme-biquini/

VECCHIOLI, Demétrio. **Minha História**, com Flávia de Lima, série de reportagens do **UOL Esporte**. 22 jul. 2024. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/minha-historia-flavia-maria-de-lima-do-atletismo/#page16

Vídeo pessoal [por] Flávia de Lima, 2024. 1 vídeo (9:18 min). Publicado pelo perfil particular de Flávia de Lima. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C8Y9bWzotrw/?igsh=cnh5b2Jo-OXR2NW9z